

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG  
JACKSON CULTZ DE ABREU**

**CENTRO DE INTEGRAÇÃO PARA PESSOAS COM VULNERABILIDADE  
SOCIAL – A ARQUITETURA DOS SENTIDOS**

**CASCADEL  
2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**  
**JACKSON CULTZ DE ABREU**

**CENTRO DE INTEGRAÇÃO PARA PESSOAS COM VULNERABILIDADE**  
**SOCIAL – A ARQUITETURA DOS SENTIDOS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Projetual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Orientador: Profº Arquiteto Me.: Marcelo França dos Anjos.

**CASCABEL**  
**2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG  
JACKSON CULTZ DE ABREU**

**CENTRO DE INTEGRAÇÃO PARA PESSOAS COM VULNERABILIDADE  
SOCIAL – A ARQUITETURA DOS SENTIDOS**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da Professor Arq. Me. Marcelo França dos Anjos.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Marcelo França dos Anjos  
Centro Universitário Assis Gurgacz  
Arqº. Me.

---

Fúlvio Natércio Feiber  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Arqº. Me.

---

Cascavel/PR, 29 de agosto de 2017

## RESUMO

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa denominada Arquitetura e Urbanismo. Tendo como proposta projetual um Centro de Integração para pessoas com vulnerabilidade social. O problema da pesquisa é: De qual modo a arquitetura aplicada num ambiente construído, pode contribuir ao despertar das emoções humanas? Partindo-se da hipótese que um centro de integração possa suprir uma demanda existente na cidade de Cascavel/PR. Onde será aplicada a arquitetura dos sentidos como principal característica do edifício, juntamente com paradigmas modernistas. Estudo aprofundado sobre a arquitetura sensorial, e a solução para que seja possível. Estudos das cores, formas, texturas e significados. Análise das condições que a cidade de Cascavel/PR tem passado, e destacando os principais quadros de vulnerabilidade social e como o Centro almeja a reversão destes.

Palavras chave: Arquitetura sensorial; Centro de Integração; significados; significantes; vulnerabilidade social.

## SUMÁRIO

|                                                             |           |
|-------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                   | <b>6</b>  |
| <b>2. MARCO TEÓRICO.....</b>                                | <b>8</b>  |
| 2.1 HAITIANOS NO BRASIL.....                                | 8         |
| 2.2 HAITIANOS EM CASCAVEL.....                              | 8         |
| 2.3 CONCEITUAÇÃO DA ARQUITETURA.....                        | 9         |
| 2.4 ARQUITETURA MODERNA.....                                | 11        |
| 2.5 FORMA, ESPAÇO E ORDEM.....                              | 12        |
| 2.6 ARQUITETURA DOS SENTIDOS.....                           | 14        |
| 2.7 PERCEPÇÃO VISUAL.....                                   | 22        |
| 2.8 INSERÇÃO URBANA.....                                    | 23        |
| 2.9 ESPAÇO URBANO.....                                      | 23        |
| <b>3. CENTRO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL.....</b>                  | <b>25</b> |
| 3.1 VULNERABILIDADE SOCIAL.....                             | 25        |
| <b>4. CORRELATOS E OBRAS DE REFERÊNCIA.....</b>             | <b>25</b> |
| 4.1 CENTRO DE ACOLHIMENTO / CYS.ASDO.....                   | 26        |
| 4.2 CENTRO DE SERVIÇOS SOCIAIS / DOSMASUNO ARQUITECTOS..... | 28        |
| 4.3 PIXEL CROSSING: UM TÚNEL SENSORIAL.....                 | 30        |
| 4.4 EXPOSIÇÃO ROYAL ACADEMY LONDRES.....                    | 31        |
| <b>5. DIRETRIZES PROJETUAIS.....</b>                        | <b>32</b> |
| 5.1 A CIDADE DE CASCAVEL.....                               | 33        |
| 5.2 CARACTERÍSTICAS DO TERRENO.....                         | 34        |
| 5.3 CONCEITUAÇÃO E PARTIDO.....                             | 35        |
| 5.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES.....                           | 36        |
| 5.5 FLUXOGRAMA E SETORIZAÇÃO.....                           | 37        |
| 5.6 VOLUMETRIA.....                                         | 38        |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                         | <b>40</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                     | <b>41</b> |
| <b>ANEXOS</b>                                               |           |

## 1. INTRODUÇÃO

Presente pesquisa tem como título Centro de Integração para pessoas com vulnerabilidade social – A arquitetura dos Sentidos. Insere-se na linha de pesquisa Arquitetura e Urbanismo, do CAUFAG. O trabalho desenvolve-se no grupo de pesquisa intitulado “Estudos e discussões de Arquitetura e Urbanismo”. Onde é proposto a inserção de um Centro de Integração, voltado para pessoas que passam por quaisquer situações de vulnerabilidade social, acolhendo o município de Cascavel – PR. O uso de formas e significados para a definição de uma linguagem construtiva, despertando a perspectiva sensorial através da arquitetura.

O Centro busca atender pessoas em estado de vulnerabilidade social, auxiliando juntamente os órgãos públicos, que muitas vezes não vem a suprir a demanda exigida. Com papel social de suma importância, dando suporte e encaminhamento para reversão deste estado. Com destaque a cidade de Cascavel, que nos últimos anos passou a receber um número considerável de imigrantes, e conta com vários casos de moradores de rua.

A arquitetura, como qualquer outro meio de comunicação estética, tem a capacidade de transmitir emoções. Introduzindo a arquitetura dos sentidos ao edifício proposto.

A arquitetura aplicada pode transmitir várias emoções que fazem parte de nossas vidas. As formas arquitetônicas através da história, sempre tiveram importância no representar dos sentimentos. (COLIN, 2000, p.104).

Podemos constatar que a arquitetura é uma linguagem capaz de transmitir mensagens. Podendo parecer obvio, porem seu desdobramento geram considerações que permitem a utilização de todo conhecimento que foi adquirido através da linguagem verbal e não verbal. (COLIN, 2000, p.113).

Contudo a cidade de Cascavel passa a necessitar de um Centro de Integração para atender a nova demanda de pessoas em estado de vulnerabilidade, tanto de imigrantes, refugiados, moradores de rua e etc.

Este Centro será uma associação filantrópica, sem fins lucrativos, beneficente de assistência social e reconhecida da utilidade pública, que possibilita o encaminhamento para auxílio médico, dentário, jurídico e psicológico. Pensando na inserção dessas pessoas, o Centro busca a qualificação destes, com parceria de escolas técnicas e profissionalizantes.

O Centro de Integração tem como função acolher pessoas que estão passando por estado de vulnerabilidade social. Acredita-se que a arquitetura possa trazer conforto e acolhimento por meio da arquitetura sensorial.

Esta pesquisa tem como objetivo geral projetar um Centro de Integração para cidade de Cascavel - PR, utilizando princípios dos métodos construtivos modernistas juntamente trabalhados com a linguagem do sentidos e significados. Sendo que os objetivos específicos são:

- 1) Verificar as dificuldades que a cidade de Cascavel passou a ter com o aumento, nos últimos anos, no número de imigrantes;
- 2) Analisar o quadro de vulnerabilidade social;
- 3) Apresentar a inserção urbana ao edifício construído, e sua importância.
- 4) Aplicar conceitos da semiótica e semiologia, abordando a arquitetura e os sentidos que ela passa a despertar aos usuários;
- 5) Desenvolver soluções para o despertar das emoções sensoriais, por meio da arquitetura;
- 6) Estudar correlatos e a aplicação do estilo moderno a arquitetura;
- 7) Realizar projeto arquitetônico de um Centro de Integração para pessoas com vulnerabilidade social.

Esta pesquisa tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica, encontradas através de livros, jornais, revistas, monografias, artigos e publicações referenciadas e etc. Primeiramente a percepção através da vivência sobre o tema abordado, onde se foi notável a mudança no cotidiano da população de Cascavel. Posteriormente, o levantamento de informações com finalidade de investigar e buscar soluções, as quais levarão a uma pesquisa elaborada, finalizando com a realização de um projeto arquitetônico.

De acordo com Marconi e Lakatos (2010) os métodos científicos são elementos que nos auxiliam no processo de pesquisa, nos trazendo conhecimentos válidos e verdadeiros, sendo assim a metodologia que será abordada é a dialética, que consiste em um conjunto de processos, em que o fim de um processo é sempre o começo de outro. Na dialética, ainda podemos observar que a mudança das coisas não é somente quantitativa, mas se transformam em qualitativas, ou seja, as duas precisam estar interligadas, se transformando uma na outra. A dialética ainda considera que toda realidade é movimento, tendo lado positivo e negativo, trabalhando com a contradição, em que se pode analisar autores e tirar a própria conclusão

## 2. MARCO TEÓRICO

Neste capítulo serão abordados assuntos relacionados ao tema que darão suporte a elaboração de um bom projeto. Revisando a literatura para entender o que as bibliografias dizem sobre o assunto, servindo de embasamento teórico na criação do projeto do Centro de Integração para pessoas com vulnerabilidade social – A Arquitetura dos Sentidos.

### 2.1 HAITIANOS NO BRASIL

O ano de 2010 é marcado com o início da imigração haitiana no Brasil, onde passou a ser notada em fevereiro do mesmo ano. Um dos fatores desta imigração em massa, é dada ao acontecimento do terremoto que atingiu de maneira violenta o pobre país, principalmente sua Capital, Porta Príncipe. Provocando a morte de ao menos 150 mil pessoas e deixando mais de 300 mil haitianos desabrigados.

Segundo IBGE, o governo do Acre, cerca de 130 mil haitianos cruzaram a fronteira do Peru, buscando refúgio no Brasil, mas segundo as leis brasileiras, não podem ser considerados refugiados sem comprovar que estão sofrendo algum tipo de perseguição em seu país.

Já em 2013 o governo do Acre decreta situação de emergência social em vários de seus municípios, por consequência ao grande número de imigrantes.

Os haitianos geralmente abandonam seu país e familiares, em busca de melhores oportunidades de trabalho e condições de vida.

### 2.2 HAITIANOS EM CASCAVEL/PR

A chegada massiva de imigrantes haitianos e senegaleses às cidades brasileiras, vem a trazer várias mudanças na estrutura. Tanto no comercio, educação, saúde e o cotidiano dos demais brasileiros.

Segundo IBGE, o censo demográfico de 2010 indica a presença de 682 haitianos vivendo na cidade de Cascavel. Contudo esses dados estão desatualizados, e de acordo com a Policia Federal esse número passa de 3000 haitianos. Matéria publicada no portal CGN:

A PF (Polícia Federal) estima que na região de ‘circunscrição da delegacia de Cascavel existem aproximadamente três mil haitianos, pouco mais de mil deles com documentação de identificação estrangeira. Apesar da crise financeira que fechou muitos postos de trabalho, 2015 foi um ano que trouxe muitos estrangeiros para o país. Segundo a PF, o número de haitianos em Cascavel é o dobro da segunda maior



comunidade estrangeira na cidade, a paraguaia, que possui cerca de 400 pessoas (CORAZZA, 2016, p. 1).

O conjunto de teoria que pode esclarecer o deslocamento de pessoas, é a teoria do pós-colonial, no qual a imigração é resultado da globalização. Segundo Appadurai as pessoas projetam morar, trabalhar em lugares distintos de onde nasceram, assim buscando novas maneiras de viver.

A globalização estreitou a distância entre elites, deslocou relações essenciais entre produtores e consumidores, quebrou muitos laços entre o trabalho e a vida familiar, obscureceu as linhagens entre locais temporários e vínculos nacionais imaginários (APPADURAI, 2004, p. 22).

Este aumento de imigrantes passa a gerar consequências a cidade de Cascavel, sendo elas:

- 1) O desemprego vinculado a crise econômica atual, e a procura em massa nesse período juntamente com a população local;
- 2) A discriminação racial, social e cultural;
- 3) A sobrecarga nos serviços públicos, principalmente na área de saúde e educação;
- 4) Com a falta de emprego, conseqüentemente estas pessoas entram em estado de vulnerabilidade social.

## 2.3 CONCEITUAÇÃO DA ARQUITETURA

A palavra arquiteto: tecton, em grego, designava um artífice ligado à construção de objetos por junção de peças, como um carpinteiro, e não por modelagem ou entalhe; o prefixo “arqui” indica superioridade. Assim, pode-se dizer que arquiteto significa, “grande carpinteiro”. (COLIN, 2000, p.1).

Ao processo de desenvolvimento de um edifício, apenas uma parte do conjunto será considerada arquitetura: somente aqueles que, para sua concepção e construção, puderam contar com um arquiteto de conhecimento, sensibilidade e talento, com o local certo, o momento certo, as condições materiais necessárias, o tempo e o dinheiro suficientes. Em todo o processo de produção, os valores estéticos sobrepujaram os valores utilitários ou comerciais. Chamamos critério de excelência estética, predomina a arquitetura como uma arte. (COLIN, 2000, p.22 e 23).

Colin afirma que a bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço interior que nos

atrai, nos leva, nos subjuga espiritualmente, e a arquitetura feia será aquela que tem um espaço interior que nos aborrece e nos repele. (COLIN, 2000, p.24).

Para ser considerado arte, além do atendimento aos requisitos técnicos, como a solidez estrutural e a qualidade dos materiais, e das demandas utilitárias, como a adequação dos espaços aos usos, deve o edifício tocar a nossa sensibilidade, nos incitar à contemplação, nos convidar à observação de suas formas, à textura das paredes, ao arranjo das janelas, ao jogo de luz e sombras, às cores, à sua leveza ou solidez. (COLIN, 2000, p.25).

Antes de se pensar em um edifício, é necessário que a sociedade precise dele, que haja uma função para ele cumprir; além disso, o uso terá papel importante na definição da sua forma. Em nenhuma outra arte a função desempenha papel tão importante, tão definitivo. Toda arte tem seu público específico e limitado e a empatia entre o artista e seus admiradores governa esta relação. “O edifício constrói a paisagem da cidade...” (COLIN, 2000, p.27 e 28).

Os significados e significantes na arquitetura, primeiramente percebida por Vitruvius a vocação das formas arquitetônicas para representar coisas diferentes delas mesmas. Em outras palavras: as formas arquitetônicas têm uma vocação simbólica. Dizia: “em arquitetura devem ser considerados dois pontos: aquilo que é significado e aquilo que significa. (COLIN, 2000, p.32).

Quando tratamos com a forma que possui significados diferentes, quer se fale de filosofia, matemática ou artes. Utilizamos aqui sua posição nas artes plásticas em geral, em nada diferente da sua projeção em arquitetura. O conceito de forma está ligado a dois outros que lhe são contíguos: um que lhe é anterior, a matéria: outro que lhe é posterior, o conteúdo. Com relação à primeira, forma é a configuração dada à matéria com a finalidade de obter um objeto individualizado. Oposto ao segundo, o conteúdo, a forma de um objeto é aquilo que se apresenta aos nossos sentidos imediatamente, antes de qualquer reflexão que possamos ter sobre este objeto; aquilo que podemos ver, tocar, ouvir. A forma de um edifício é sua silhueta, sua massa, sua cor e textura, seu jogo de luzes e sombras, sua identidade, a relação e disposição de seus cheios e vazios. (COLIN, 2000, p.51).

Podemos ver a arquitetura sob diferentes ângulos. Podemos vê-lo de fora, observando as relações que estabelece com o meio ambiente, observando sua forma, sua composição de massa; quando o fazemos, consideramos a forma volumétrica do edifício. Em seguida, estando em seu interior, desaparecem as relações exteriores e somente poderemos considerar o edifício e seus elementos entre si, e relacionados com a nossa própria pessoa; neste momento estaremos voltados para a forma espacial. Finalmente, poderemos dirigir nossa atenção para

aquilo que separa o interior do exterior e que organiza e divide os ambientes interiores, o muro divisório. Estamos neste caso considerando forma natural ou superficial. (COLIN, 2000, p.52).

A arquitetura tem a capacidade de representar para as pessoas algo mais que sua simples presença; estamos orientando nossa atenção não para as evidências materiais, mas para um outro plano, por suas formas, como uma linguagem. Quanto ao conteúdo social está sempre presente em um objeto arquitetônico, obrigatoriamente, a uma função e um uso social. Além disso, a melhor arquitetura de uma determinada sociedade, tanto em excelência técnica como estética, será sempre a arquitetura de suas classes sociais dominantes. Nem sempre a forma arquitetônica estará comprometida com as injunções sociais: isto dependerá da intenção do arquiteto, de sua ideologia. (COLIN, 2000, p.91).

Colin fala sobre a arquitetura, emoções e sentimentos:

Como qualquer meio de comunicação estética, também a arquitetura pode transmitir um amplo espectro de emoções que faz parte da nossa vida: a apreensão diante de mudanças estruturais, a confiança no futuro, o desejo de poder, as fantasias e fixações mais diversas. Estas emoções se constituem em um conjunto possível de mensagens a que chamamos conteúdo psicológico da arquitetura, de vez que a psicologia é a ciência que pretende o entendimento das funções mentais e motivações comportamentais de indivíduos e grupos. (COLIN, 2000, p.103).

Arquitetura como linguagem:

Qualquer incursão no campo da linguística começa com a constatação de que a arquitetura é uma linguagem e, como tal, é capaz de transmitir mensagens; uma constatação que parece ingênua, de tão óbvia, porém cujo desdobramento abre um campo infinito de considerações, de vez que permite a utilização de todo conhecimento adquirido sobre as línguas faladas e linguagens não verbais no terreno específico da arquitetura, visando seu entendimento, recolocando antigos problemas sob nova ótica e depurando sua linguagem específica. (COLIN, 2000, p.113).  
Semiótica e arquitetura...a finalidade entre a linguagem da arquitetura com os meios de comunicação de massa. (COLIN, 2000, p.115).

## 2.4 ARQUITETURA MODERNA

Usamos o termo ‘movimento moderno’ que, na linguagem contemporânea assumiu, dando um significado bastante preciso. A arte para qual trabalhamos é um bem do qual todos devemos participar, e que serve para melhorar a todos. (BENEVOLO, 1976, p.11).

A industrialização é umas das possíveis respostas ao aumento da produção e depende da capacidade de intervir sobre as relações de produção, a fim de adaptá-las às novas exigências, o homem já não era o mesmo. Tudo se encaminhava para uma nova era.

(BENEVOLO, 1976, p.22).

O ferro e o vidro são empregados na construção desde tempos anteriores ao modernismo, mas é somente nesse período que os progressos às indústrias permitem que suas aplicações sejam ampliadas, introduzindo na técnica das construções conceitos totalmente novos. O ferro é utilizado inicialmente apenas para tarefas de acessórios: para correntes, tirantes e para ligar entre si as pedras nas construções em pedra de corte. (BENEVOLO, 1976, p.45).

Posteriormente a indústria do vidro faz grandes progressos técnicos, isso ocorre a partir da segunda metade do século XVIII. Como consequência, surgem novos estabelecimentos comerciais com grandes vitrines de exposições habituais, porém os arquitetos projetam paredes inteiramente de vidro. Como exemplo:

O Palácio de cristal, Paxton, construído em 1851, resumindo todas as experiências, e inaugurando a série das grandes galerias envidraçadas de exposição, que prossegue na segunda metade do século XIX. (BENEVOLO, 1976, p.55).

Benevolo cita a conceituação da arquitetura:

A arquitetura, contudo, não é redutível a um fato técnico. A beleza deriva necessariamente da coerência com que o arquiteto atinge seu escopo utilitário, e a verdadeira decoração resulta da disposição mais conveniente e mais econômica dos elementos estruturais. (BENEVOLO, 1976, p.66)

Uma fase da arquitetura inteiramente nova, que produz os efeitos mais maravilhosos, e admiráveis com meios de inatingível habilidade técnica, veio a solução para conceber a um edifício. Diretrizes de como fazer arquitetura, o que moldou uma geração inteira, e que nos traz, ainda hoje, exemplificações e aplicações. (BENEVOLO, 1976, p.132).

## 2.5 FORMA, ESPAÇO E ORDEM

A arquitetura propicia tanto privacidade quanto proteção contra os elementos climáticos para os espaços internos de um edifício, quanto as aberturas dentro de seus limites ou entre eles restabelece uma ligação com o ambiente externo. A medida que as paredes exteriores moldam o espaço interior, estas simultaneamente dão contorno ao espaço exterior e descrevem a forma, massa e imagem de um edifício no espaço. (CHING, 1998, p.22).

A ideia de cobertura, constitui o elemento de abrigo essencial que protege o interior de

um edifício contra os elementos climáticos, e acaba por trazer um sentimento de proteção ao usuário. Exemplificando o conceito que a forma é a própria característica da identificação do volume.

Segundo Ching, a forma arquitetônica é o ponto de contato entre as massas e espaços. Formas arquitetônicas, texturas, materiais, modulação e luz e sombra, cor, tudo se combina para proporcionar uma qualidade ou espírito que modula o espaço. A qualidade da arquitetura será determinada pela habilidade dos arquitetos em utilizar e relacionar esses elementos, tantos nos espaços internos, quanto nos espaços ao redor dos edifícios.

Forma é um termo abrangente que tem vários significados. Pode se referir a uma aparência externa passível de ser reconhecida, como a de uma cadeira ou de um corpo humano que se sente nela. Pode também aludir a uma condição particular na qual algo atua ou se manifesta, como quando falamos de água na forma de gelo ou vapor. Em arte e projeto, frequentemente utilizamos o termo para denotar a estrutura formal de um trabalho – a maneira de dispor e coordenar os elementos e partes de uma composição de forma a produzir uma imagem coerente. (CHING, 1998, p.34).

As formas podem conservar sua regularidade mesmo quando transformadas dimensionamento ou pela adição ou subtração de elementos. O espaço engloba totalmente nosso ser. Através do volume do espaço nos momentos, percebemos formas, ouvimos sons, sentimos brisa, cheiramos as fragrâncias de um jardim de flor. (CHING, 1998, p.92).

A forma arquitetônica ocorre na junção entre a massa e o espaço. Ao executar a ler os desenhos de um projeto, devemos nos voltar tanto para a forma da massa que contém um volume de espaço quanto para a forma do volume espacial em si. Situar-se como um a forma distinta no espaço e dominar seu terreno. A forma e a delimitação de cada espaço em um edifício determinam ou são determinadas pela forma dos espaços circundantes. Forma definindo espaço: Qualquer forma tridimensional naturalmente articula o volume de espaço circundante e gera um campo de influência ou território que reivindica como próprio. (CHING, 1998, p.95 a 98).

O plano de solo elevado pode constituir uma condição preexistente do terreno ou pode ser artificialmente um edifício acima do contexto circundante. As depressões na topografia de um terreno podem servir para locações de ambientes estratégicos: como planos de Arenas e anfiteatros externos. A mudança natural de nível beneficia tanto as linhas de visão como a qualidade acústica desses espaços. (CHING, 1998, p.110).

Quanto a iluminação, Ching cita:

O sol é a generosa fonte de luz natural para a iluminação de forma e espaços na

arquitetura. Embora a irradiação do sol seja intensa, a qualidade de sua luz, manifestação na forma da luz direta do sol ou luz do dia difusa, varia de acordo com a hora do dia, de estação para estação e de lugar para lugar. A medida que a energia luminosa do sol é dispersada por nuvens, neblina e precipitação, ela transmite as cores variáveis do céu e do clima as formas e superfície que ilumina. Penetrado um espaço através das janelas de um plano de parede ou através de claraboias no plano de cobertura, a energia radiante do sol recai sobre as superfícies do interior do recinto, aviva suas cores e revela suas texturas. Com os padrões variáveis de luz, matizes e sombras que cria, o sol anima o espaço do recinto e articula as formas dentro deste. A cor e o brilho da luz do sol podem criar uma atmosfera alegre dentro do cômodo.

Com a intensidade e a direção da luz irradiada pelo sol são razoavelmente previsíveis, é possível prever seu impacto visual sobre as superfícies, formas e espaço de um recinto, com base no tamanho, na localização e na orientação de janelas e claraboias dos planos de delimitação. (CHING, 1998, p.171).

Enquanto aos materiais construtivos utilizados na arquitetura, têm propriedades distintas de elasticidade, rigidez e durabilidade. Na construção de uma obra arquitetônica são utilizados elementos estruturais para transpor verticais para o sistema de fundação de um edifício. O tamanho e a proporção desses elementos estão diretamente relacionados às funções estruturais que desempenham. Existe uma diversidade e complexidade naturais nas exigências do programa de um edifício. As formas e os espaços de qualquer edifício devem levar em conta a hierarquia inerente às funções que acomodam, o usuário que servem, os propósitos ou significado que transmitem e o escopo ou contexto a que se dirigem. A ordem se refere não apenas à regularidade geométrica, mas sim a uma condição em que cada parte de um todo está apropriadamente disposta com referência a outras partes e ao seu propósito, de modo a produzir algo harmonioso. (CHING, 1998, p.320).

Portanto, a arquitetura como na linguagem, suas formas e os espaços arquitetônicos também encerram significados conotativos: valores associativos e conteúdos simbólicos que estão sujeitos à interpretação pessoal e cultural, podendo mudar com o tempo. (CHING, 1998, p.374)

## 2.6 A ARQUITETURA DOS SENTIDOS

Quando um arquiteto analisa um edifício, a aparência é apenas um dos muitos fatores que lhes interessam. Estuda plantas, seções e alçados, e acredita que, para ser um bom edifício, esses elementos devem harmonizar-se mutuamente. O que ele entende por isso não é fácil de explicar. De qualquer modo, nem todos podem entendê-lo, assim como nem todos podem visualizar um edifício olhando meramente as plantas.

O arquiteto trabalha com forma e volume, semelhantemente ao escultor, tal como o

pintor, que trabalha com cor. Mas entre as três artes, a sua é única e funcional. Resolve problemas práticos. Onde cria ferramentas ou implementos para seres humanos, e a utilidade desempenha um papel decisivo no julgamento da arquitetura. A arquitetura é uma arte funcional muito especial, confina o espaço para que possamos residir nele e cria a estrutura em torno de nossas vidas. (RASMUSSEN, 2002, p.7 e 8).

Compreender arquitetura, portanto, não é mesmo que estar apto a determinar o estilo de um edifício através de certas características externas. Não é suficiente ver arquitetura; devemos vivenciá-las. Devemos observar como foi projetada para um fim especial e como se sintoniza com o conceito e o ritmo de uma época específica. Devemos residir nos aposentos, sentir como nos circundam, observar como nos levam naturalmente de um para com o outro. Devemos estar conscientes do efeito texturais, descobrir por que certas cores foram usadas e não outras. (RASMUSSEN, 2002, p.32).

Sobre a arquitetura como arte, Rasmussem afirma que:

Quando uma pintura perde sua cor, deixa de existir como obra de arte, mas isso não ocorre na arquitetura pois a arte da construção está antes e acima de tudo interessada na forma, na divisão e articulação do espaço, em arquitetura, a cor é usada para enfatizar o caráter de um edifício, para acentuar sua forma e material, e para elucidar suas divisões. (RASMUSSEN, 1998, p.223).

Corretamente usada, a cor pode expressar o caráter de um edifício e o espírito que pretende transmitir. Enquanto o aspecto de um edifício pode ser claro e alegre, indicando festividade e recreação, um outro pode ter um ar austero, e eficiente, sugerindo trabalho e concentração. Para ambos os tipos existem cores que parecem inteiramente corretas e outra que são completamente inadequadas, destoantes. (RASMUSSEN, 1998, p.226).

A arquitetura dos sentidos, onde é capacidade de despertar as emoções e todos os sentidos do sistema sensorial.

Segundo Pallasmaa, a sensibilidade do tato tem se tornado cada vez mais evidente. O papel da visão periférica na nossa vivência do mundo, bem como na nossa experiência da interioridade dos espaços que habitamos. A própria essência de nossa vivência é moldada pelo tato e pela visão periférica. A visão focada nos põe em confronto com o mundo, enquanto a visão periférica nos envolve na carne do mundo. Junto com a crítica da hegemonia da visão, devemos reconsiderar a própria essência da visão. (PALLASMAA, 2011, p.10).

Todos os sentidos, incluindo a visão, são extensões do tato; os tecidos são especializações do tecido cutâneo, e todas as experiências sensoriais são variantes do tato e, portanto, estão relacionados, uns com os outros. Nosso contato com o mundo se dá na linha divisória de nossas identidades pessoais.

O tato é o modo sensorial que integra nossa experiência de mundo com nossa individualidade. Até mesmo as percepções visuais se mesclam e interagem no sentido tátil da individualidade.

Meu corpo me faz lembrar quem eu sou e onde me localizo no mundo. Meu corpo é o verdadeiro umbigo de meu mundo, não no sentido do ponto de vista da perspectiva central, mas como o próprio local de referência, memória, imaginação e integração". (PALLASMAA, 2012, p.10 e 11).

Fica evidente que uma arquitetura que tem o poder de intensificar uma vida, deva provocar todos os sentidos simultaneamente e fundir nossa imagem de indivíduos com nossa experiência no mundo. A tarefa metal essencial da arquitetura é acomodar e integrar. A arquitetura articula a experiência de se fazer parte do mundo e reforça nossa sensação de realidade e identidade pessoal, ela não nos faz habitar mundos artificiais e fantasiosos.

A sensação de identidade pessoal, reforçada pela arte e pela arquitetura, permite que nos envolvemos totalmente nas dimensões mentais de sonhos, imaginações e desejos. Edificações e cidades fornecem o horizonte para o entendimento e o confronto da condição existencial humana. Em vez de criar meros objetos de sedução visual, a arquitetura relaciona, media e projeta significados. O significado final de qualquer edificação ultrapassa a arquitetura, ele redireciona nossa consciência para o mundo e nossa própria sensação de termos uma identidade de estarmos vivos. Arquitetura significativa faz com que nos sentimos como seres corpóreos e espiritualizadas.

Podemos observar quando o trabalham, tanto o artista como artesão estão diretamente envolvidos com o seu corpo em suas experiências existenciais, onde eles não tocam um problema externo e objetivo. Um arquiteto trabalha com todo o seu corpo e sua identidade. Ao trabalhar em uma edificação ou objeto, o arquiteto está simultaneamente envolvido em uma perspectiva inversa, sua própria imagem ou, mais precisamente, sua experiência existencial. No trabalho criativo, a identificação e projeção de toda a constituição corporal e mental do criador se torna o terreno da obra. (PALLASMAA, 2012, p.11).

Na imaginação, o objeto está simultaneamente em nossas mãos e dentro da nossa mente, e a imagem física projetada e criada é moldada por nossos corpos. Estamos ao mesmo tempo dentro e fora do objeto. O trabalho criativo exige uma identificação corporal e mental, empatia e compaixão de forma proporcional.

Um fator extraordinário na experiência de fechamento de espaços, e na criação de interiores e totalidade é a suspensão deliberada da visão focada e concentrada. Essa questão



raramente tem a entrada no discurso da teoria da arquitetura, que insiste em se interessar pela visão focada e pela representação e perspectiva com intenções conscientes. (PALLASMAA, 2012, p.12).

Pallasmaa destaca que a arquitetura, como todas as artes, está intrinsecamente envolvida com questões da existência humana no espaço e no tempo, precisamente porque se envolve envolvem com a construção de representações espaciais e artefatos oriundos do fluxo da experiência humana. Arquitetura é nosso principal instrumento de relação com o espaço e tempo, e para dar uma medida humana a essas dimensões. Ela domestica espaço ilimitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para a humanidade. Como consequência dessa interdependência entre o espaço e o tempo, a dialética do espaço externo e interno, do físico e do espiritual, do material e do mental, das propriedades inconscientes e conscientes em termos de sentidos e de suas funções e interações relativas tem um papel essencial na natureza das artes e da arquitetura. (PALLASMAA, 2012, p.15 a 17).

A arte da visão, sem dúvida, tem nos oferecido edificações imponentes e instigantes, mas ela não tem promovido a conexão humana ao mundo. O fato de o vocabulário Modernista em geral não ter conseguido penetrar na superfície do gosto dos valores populares parece ser resultado de sua ênfase visual e intelectual injusta; arquitetura modernista em geral tem abrigado o intelecto e os olhos, mas tem deixado desabrigado nossos corpos e demais sentidos, bem como nossa memória, imaginação e sonhos. (PALLASMAA, 2012, p.19).

A atual produção industrial em massa de Imaginário visual tende a afastar a visão do envolvimento emocional e da identificação, e a tornar o Imaginário em um fluxo hipnóticas em foco ou participação".

Mas o homem nem sempre foi dominado pela visão. De fato, o domínio primordial da audição foi gradualmente substituído pelo da visão. Os textos de Antropologia descrevem em numerosas culturas nas quais nossos sentidos privativos do olfato, paladar e tato continuam tendo importância coletiva no comportamento e na comunicação. (PALLASMAA, 2012, p.22).

A famosa dialética de Le Corbusier: " A arquitetura é o jogo sábio, correto é magnífico dos volumes reunidos sob a luz", define de maneira inquestionável a arquitetura dos olhos. Le Corbusier, no entanto, tinha um talento artístico enorme em mão que moldavam, bem como um senso de materialidade, plasticidade e gravidade, os quais evitavam que sua arquitetura transmitisse uma redução sensorial. (PALLASMAA, 2012, p.26).

Já na arquitetura de Mies Van Der Rohe, onde predomina uma percepção perspectiva frontal, mas sua sensibilidade única para ordem, estrutura, peso, detalhe e trabalho artesanal

enriquece de forma decisiva o paradigma visual. Além disso, uma obra de arquitetura se torna excelente precisamente em função de suas intenções e alusões opostas e contraditórias e seus impulsos inconscientes para que o trabalho se abra para participação emocional do observador. (PALLASMAA, 2012, p.28).

A superficialidade da construção padrão nos dias de hoje, é reforçada por um senso enfraquecido de materialidade. Os materiais naturais, como: pedra, tijolo e madeira, deixam que nossa visão penetre em sua superfície e permitem que nós conversamos da veracidade da matéria. Os materiais naturais expressam sua idade e história, além de nos contar suas origens e seu histórico de usos pelos humanos. Toda a matéria existe em um ciclo temporal, a pátina do desgaste leva a experiência enriquecedora do tempo aos materiais de construção. (PALLASMAA, 2012, p.30).

A transparência e as sensações ausência de peso e de flutuação são temas fundamentais para a arte e arquitetura moderna. Nas últimas décadas, surgiu um novo imaginário da arquitetura, que emprega reflexos, graduações de transparência sobreposições e justaposições para criar uma sensação de espessura espacial, além de sensações sutis e dinâmicas de movimento e luz. (PALLASMAA, 2012, p.32).

A experiência corporal através da arquitetura:

Eu confronto cidade com meu corpo; minhas pernas mesmo comprimento da arcada e a largura das praças; meus olhos fixos inconscientemente projeta o meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre, molduras e curvas, sentindo o tamanho de recuos e projeções, meu peso encontra a massa da porta da catedral em minha mão agarra maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior. Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio da minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim. (PALLASMAA, 2012, p.37 e 38).

As experiências sensoriais se tornam integradas por meio do corpo, ou melhor, na própria constituição do corpo e no modo humano de ser. A teoria psicanalítica introduz a noção de imagem ou esquema corporal como centro de integração. Nossos corpos em movimentos estão em constante interação com o ambiente, o mundo e a individualidade humana se redefinem um ao outro constantemente. A percepção do corpo e a imagem do mundo se tornam uma experiência existencial contínua, não há corpo separado de seu domicílio no espaço, não é espaço desvinculado da imagem inconsciente de nossa identidade pessoal perceptiva.

A imagem do corpo é profundamente afetada pelas experiências do tato e da orientação

do início de nossas vidas. Nossas imagens visuais se desenvolvem posteriormente e, para que tem o significado dependem de nossas experiências originais adquiridas pelo próprio tato.

A arquitetura, uma extensão da natureza na esfera antropogênica, fornecendo as bases para a percepção e o horizonte da experimentação e compreensão do mundo. Ela não é um artefato isolado em independente, ela direciona nossa atenção e experiência existencial para horizontes mais amplos. A arquitetura também dá uma estrutura conceitual e material as instituições societárias, bem como as condições da vida cotidiana. Ela concretiza o ciclo do ano, o percurso do sol e o passar das horas do dia.

Toda experiência com o ambiente com arquitetura é multissensorial; as características de espaço, matéria escala são medidas igualmente por nossos olhos, ouvidos, nariz, pele, língua, esqueleto e músculos. A arquitetura reforça a experiência existencial, nossa sensação de pertencer ao mundo, e essa é essencialmente uma experiência de reforço da identidade pessoal. Em vez da mera visão, ou dos 5 sentidos clássicos, arquitetura envolve diversas esferas da experiência sensorial que interagem e fundem entre si. (PALLASMAA, 2012, p.38 e 39).

Em estados emocionais intensos, os estímulos sensoriais parecem sair dos sentidos mais refinados para os mais arcaicos, descendo da visão para a audição, o tato e olfato, e ir das luzes para as sombras. Uma cultura que busca controlar seus cidadãos provavelmente promover a direção oposta de interação, saindo da individualidade da intimidade identificação e indo para o isolamento físico e público. Uma sociedade controladora sempre é uma sociedade do olho voyeur e sádico. Um método eficiente de tortura mental é o uso de um nível de iluminação alto e constante que não deixa espaço para retraimento mental ou para privacidade; até mesmo a interioridade escura do ego é exposta e violada.

A visão isola, enquanto o som incorpora, a visão é direcional, o som é onidirecional. O senso da visão implica exterioridade, mas a audição cria uma experiência da interioridade. Eu posso observar um objeto, mas o som me aborda, os olhos alcançam, mas os ouvidos recebem. As edificações não reagem ao nosso olhar, mas efetivamente retornam os sons de volta aos nossos ouvidos.

A audição estrutura e articula a experiência e o entendimento do espaço. Normalmente não estamos cientes da importância da audição na experiência espacial, embora o som muitas vezes forneça o ciclo temporal no qual as impressões visuais estão inseridas. Quando removemos a trilha sonora de um filme, por exemplo, apenas perdemos sua plasticidade e o senso de continuidade e vida. O cinema mudo de fato tinha de compensar ausência de sons,

empregando uma maneira descontraída da representação exagerada. (PALLASMAA, 2012, p.46 e 47).

Cada prédio o espaço tem seu som característico de intimidade ou monumentalidade, convite ou rejeição, hospitalidade ou hostilidade. O espaço é tão entendido e apreciado por meio de seus ecos como por meio de sua forma visual, mas o produto mental da percepção geralmente permanece como uma experiência inconsciente de fundo.

A visão é o sentido do observador solitário, enquanto audição criam sentido de conexão e solidariedade, nosso olhar perambula solitário nos vãos escuros de uma catedral, mas os sons de um órgão nos fazem sentir imediatamente nossa afinidade com o espaço. Ficamos isolados aos momentos de suspenses de um filme, mas o irromper de aplausos após o relaxamento desses momentos tensos nos unem a multidão.

A experiência auditiva mais fundamental criada pela arquitetura é a tranquilidade. A arquitetura nos apresenta o drama da construção financiado na matéria, no espaço e na luz. Enfim, a arquitetura é a arte do silêncio petrificado. Quando cessam os ruídos das obras de construção e esmaecem em os gritos dos trabalhadores, uma edificação se torna museu do silêncio paciente, que aguarda. O silêncio da arquitetura é um silêncio afável e memorável. Uma experiência poderosa de arquitetura silencia todo o ruído externo; ela foca Nossa direção em nossa própria existência, e, como se dá com qualquer forma de arte, no torna-se de nossa solidão original.

A arquitetura nos de manhã se pá do abraço do presente e nos permite experimentar o fluxo lento e benéfico do tempo. As edificações e cidades são instrumentos e museus do tempo. Elas nos permitem ver e entender o passar da história e participar de ciclos temporais que ultrapassam nossas vidas individuais. (PALLASMAA, 2012, p.48 e 49).

A arquitetura não pode ser reduzida um instrumento da funcionalidade, do conforto corporal e do prazer sensorial sem perder sua tarefa de mediação existencial. Outro sentido de distância, resistência e tensão deve ser mantido em relação ao programa de necessidades, à função e ao conforto. Uma obra de arquitetura não deve se tornar transparente em seus motivos utilitários e racionais; ela deve manter seu segredo impenetrável e mistério, para que possa provocar nossa imaginação e nossas emoções. (PALLASMAA, 2012, p.59).

A conceituação do espaço arquitetônico:

Uma edificação não é o fim por si só; ela emoldura, articula, estrutura, da importância, relaciona, separa e une, facilita e proíbe. Assim, experiências autênticas de arquitetura consistem, por exemplo, em abordar ou confrontar uma edificação, envie se apropriar formalmente de uma fachada; em olhar para dentro para fora de

uma janela, em vez de olhar a janela em si só como um objeto material; ou de se ocupar o espaço aquecido, em vez de olhar a lareira como um objeto de projeto visual. O espaço arquitetônico é um espaço vivenciado, e não um mero espaço físico, espaços vivenciados sempre transcendem a geometria e a mensurabilidade. (PALLASMA, 2012, p.60).

Vários tipos de arquitetura podem ser distinguidos como base na modalidade sensorial que eles tendem a enfatizar. Ao lado da arquitetura prevalente do olho, há a arquitetura tátil, dos músculos e da pele. Também é um tipo de arquitetura que reconhece as esferas da audição, do olfato e do paladar. Podemos analisar: A arquitetura de Le Corbusier e a de Richard Meyer, favorecem claramente a visão, seja no molho cinestético da promenade architecturale. Já arquitetura de Frank Lloyd Wright e a Alvar Aalto se baseia no reconhecimento total da condição corporal humana e na multiplicidade de reações instintivas escondidas no inconsciente humano. Arquitetura de hoje, a diversidade de experiências sensoriais é ressaltada na obra de Glenn Murcutt, Steven Holl e Peter Zumthor.

A função atemporal da arquitetura e criar metáforas existenciais para o corpo e para a vida que concretizem e estruturam nossa existência no mundo. A arquitetura reflete, materializa e torna eterna as ideias e imagens da vida ideal. As edificações e cidades nos permitem estruturar, entender e lembrar o fluxo amorfo da realidade e, em última análise, reconhecer em nos lembrar quem somos. A arquitetura permite-nos perceber e entender a dialética da permanência e da mudança, nos inserir no mundo. (PALLASMA, 2012, p.65 a 67).

Para concluir, Pallasma cita:

Em experiências memoráveis de arquitetura, espaço, matéria e tempo se fundem em uma dimensão única, na substância básica da vida, que penetra em nossas consciências. Identificamo-nos com esse espaço, esse lugar, esse momento, e essas dimensões se tornam ingredientes da nossa própria existência. Arquitetura é a arte de nos reconciliar com o mundo, e esta mediação se dá por meio dos sentidos. (PALLASMA, 2012, p.68).

A emoção arquitetural, existe quando a obra soa em você ao diapásão de um universo cujas leis sofremos, reconhecemos e admiramos. Quando são atingidas certas relações, somos apreendidos pela obra. Arquitetura consiste em relações, é puramente a criação do espírito. (CORBUSIER, 2002, p.10).

## 2.7 PERCEPÇÃO VISUAL

A percepção visual é de suma importância para a arquitetura. Envolvendo a psicologia da visão.

Para o físico, equilíbrio é o estado no qual as forças, agindo sobre um corpo, compensam-se mutuamente. Consegue-se o equilíbrio, na sua maneira mais simples, por meio de duas forças de igual resistência que puxam em direções opostas. A definição é aplicável para o equilíbrio visual. (ARHEIM, 2005, p.11).

Ver significa captar algumas características proeminentes dos objetos — o azul do céu, a curva do pescoço do cisne, a retangularidade do livro, o brilho de um pedaço de metal, a retitude do cigarro. Umas simples linhas e pontos são de imediato reconhecidos como "um rosto", não apenas pelos civilizados ocidentais, que podem ser suspeitos por estarem de acordo com o propósito dessa "linguagem de signos", mas também por bebês, selvagens e animais. (ARHEIM, 2005, p.36).

Segundo Arheim, a conceituação da percepção visual:

“O uso da palavra "conceito" não pretende de modo algum sugerir que a percepção seja uma operação intelectual. Os processos em questão devem ser considerados como se ocorressem dentro do setor visual do sistema nervoso. Mas o termo conceito tem a intenção de sugerir uma similaridade notável entre as atividades elementares dos sentidos e as mais elevadas do pensamento ou do raciocínio. Tão grande é esta similaridade que muitos psicólogos atribuem as realizações dos sentidos à ajuda secreta que supostamente lhes proporciona o intelecto. (ARHEIM, 2005, p.39).

O pensamento psicológico recente nos encoraja então a considerar a visão uma atividade criadora da mente humana. A percepção realiza ao nível sensorio o que no domínio do raciocínio se conhece como entendimento. O ato de ver de todo homem antecipa de um modo modesto a capacidade, tão admirada no artista, de produzir padrões que validamente interpretam a experiência por meio da forma organizada.

A configuração perceptiva é o resultado de uma interação entre o objeto físico, o meio de luz agindo como transmissor de informação e as condições que prevalecem no sistema nervoso do observador. A luz não atravessa os objetos, exceto os que chamamos de translúcidos ou transparentes. Isto significa que os olhos recebem informação somente sobre as formas exteriores e não sobre os interiores. Além disso, a luz se propaga em linha reta e, portanto, as projeções formadas na retina correspondem apenas àquelas partes da superfície externa que estão ligadas aos olhos por meio de linhas retas. (ARHEIM, 2005, p.40).

## 2.8 INSERÇÃO URBANA

Quando analisamos atentamente, a implantação de um novo edifício pode causar impactos ao espaço urbano, sendo necessário identificar parâmetros em relação à qualidade do mesmo. Tais como: parâmetros arquitetônicos, questões ambientais, sociais, urbanísticos, de percepção e estético. (GEHL, 2013).

- 1) Podemos elencar alguns dos principais critérios para humanização e integração de um novo espaço à cidade.
- 2) Precisa ocorrer uma adequação paisagística, tanto da imagem e da volumetria da obra, mostrando suas qualidades e significados.
- 3) Inserção diretamente ligada as atividades urbanas, passa a ser mais comum a utilização do mesmo edifício para várias funções, assim, sendo necessário posicionamento sobre a calçada, ou com acessibilidade facilitada.
- 4) Mobilidade e acessibilidade, o fácil deslocamento do usuário, incluindo o transporte viário, público e o pedestre. Transformando o percurso em um caminho convidativo, sem passagens em níveis, livres de quaisquer obstáculos. Que gere sensação de conforto e segurança.
- 5) Espaços públicos, livres e de uso comum em condições de receber com qualidade ao usuário, conciliando ao lazer, estar e entretenimento.

## 2.9 O ESPAÇO URBANO

O espaço urbano é, uma área com longa história de pratica profissional. Pode-se, por exemplo, considerar uma atitude de projeto aquela expressa no espaço das antigas cidades gregas e romanas, ou nas cidades da Europa medieval, ou ainda nas cidades renascentistas e barrocas. (GONZALES, 1985, p.16).

É evidente que a existência e o funcionamento de uma cidade são fatos extremamente complexos que demandam um repertorio de conhecimento multidisciplinar para sua compreensão, planejamento e administração. O desenho urbano aparece como uma dimensão que deve sempre permear o processo de planejamento, desde a elaboração dos objetivos gerais até a consecução de suas estratégias e recomendações específicas. A preocupação pela qualidade físico-espacial do meio ambiente deve nortear os esforços do setor

público e, ao mesmo tempo, ser produto destes esforços. (DEL RIO, 1990, p. 57).

A importância da categoria de análise de morfologia urbana, está em compreender a lógica da formação, evolução e transformação dos elementos urbanos, e de suas relações, a fim de possibilitar-nos a identificação de formas mais apropriadas, cultural e socialmente para a intervenção na cidade existente e o desenho de novas áreas. (DEL RIO, 1990, p. 85).

Assim vemos que o Desenho Urbano, sobretudo, um tratamento da cidade que seja coerente para o usuário, na integração dos elementos conformadores da dimensão físico-ambiental. A qualidade final do urbano, seja no tratamento de suas partes (calçadas, lotes, quarteirões, por exemplo), seja no tratamento de seu todo (interligações entre bairros, caráter da cidade, crescimento e expansão, por exemplo) em muito depende do relacionamento entre categorias. (DEL RIO, 1990, p.108).

A níveis sócio-cultural e de conforto psicológico, o homem necessita se identificar com um território e um grupo social imediatos à sua residência. Toda cidade deve ser um conjunto perceptível de partes conformando um todo coerente. Cada parte, cada bairro, cada comunidade, com sua identidade própria, sua história e suas características.

Apesar de todo desenvolvimento tecnológico, o relacionamento de nossas cidades com o meio ambiente é muito mais problemático que no passado, seja a nível de poluição ou das próprias técnicas construtivas. Diariamente praticam-se agressões, muitas conscientemente, contra o sistema ecológico, a boa climatização, a correta drenagem e o bom relacionamento com o sítio. (DEL RIO, 1990, p.119).

### **3. CENTRO DE INTEGRAÇÃO**

O centro de integração trata-se de uma instituição destinada a ofertar assistência para pessoas em quadro de vulnerabilidade social, com o intuito de garantir-lhes os devidos cuidados; médico, dentário, psicológico ou jurídico. Encaminhamentos, e aperfeiçoamento de um conhecimento, como; cursos de idiomas e profissionalizantes, bem como favorecer o entrosamento social com os demais, estimulando a interação social.

A principal função do centro de integração é o acolhimento, e posteriormente o tratamento. Para que este quadro de vulnerabilidade seja revertido, e o paciente venha a ser ressocializado, e passe a ter uma melhor qualidade de vida.



### 3.1 VULNERABILIDADE SOCIAL

A vulnerabilidade social refere-se à condição individual ou de grupos em estado de fragilidade, tornando este grupo propenso a riscos significativos de desagregação social.

Está relacionado a qualquer tipo de exclusão ou discriminação, ou ao enfraquecimento e provocação de um indivíduo ou grupos. (BOURDIEU, 1987; 1989; 1990).

A dificuldade ao acesso de oportunidades sociais, econômicas e culturais que o Estado supri, também do mercado e da sociedade por um todo, no criar desvantagens e debilidades. Situações de desproteção e insegurança, que destacam os problemas quanto a exclusão social. (KAZTMAN, 2001).

Existem dois componentes principais relacionado a vulnerabilidade: Primeiro é a insegurança e incerteza, seja das comunidades ou famílias que vivam de alguma instabilidade de natureza socioeconômica. Segundo componente, relata que o recurso e estratégias usadas são insuficientes, dentre eles destaca-se a do capital humano, e as qualificações educacionais do indivíduo ou de um grupo social. (PIZARRO, 2001).

Escolarização frágil é um dos fatores que agravam o estado de vulnerabilidade social, e está interligado em múltiplas dimensões que necessitam ser tratadas num contexto mais amplo, sendo priorizado questões centrais, como escolaridade, classe social, cultura, crença, ciclo de vida familiar, entre outras.

## 4. CORRELATOS E OBRAS DE REFERÊNCIA

### 4.1 CENTRO DE ACOLHIMENTO / CYS.ASDO

Projeto realizado pelo escritório CYS.ASDO, sendo proposto para a cidade de Hsinchu, Taiwan. Localizado especificamente no distrito de Chupei, junta uma confortável experiencia ao ar livre, mas conta com um interior extremamente funcional. (ARCHDAILY, 2016).

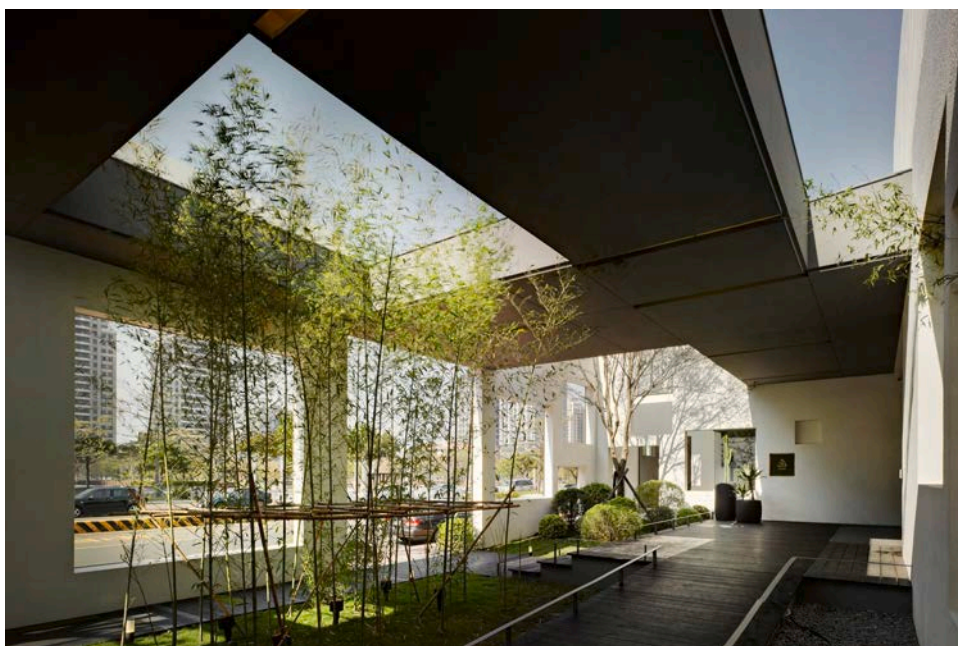
Figura 01 – Fachada principal.



Fonte: ArchDaily, 2016.

Uma das principais características desta obra, onde será empregada no Centro de Integração. É a estratégia usada, de recuos que acabam por revelar a natureza que se encontra no entorno, que se estende em todo o edifício construído. Com isso acaba por gerar outros benefícios, como: qualidade de luz solar e a fusão da vegetação a estrutura da obra. (ARCHDAILY, 2016).

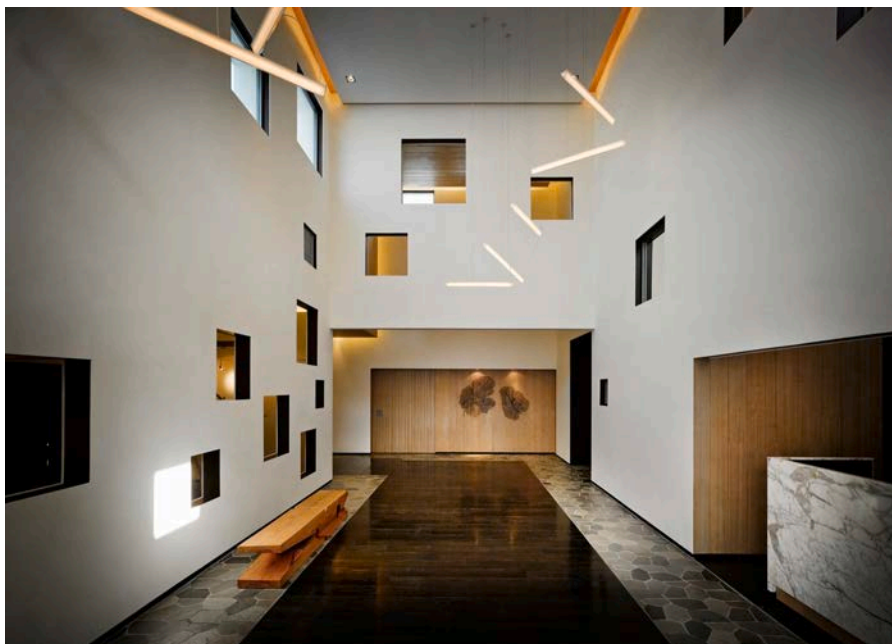
Figura 02 – Perspectiva interna.



Fonte: ArchDaily, 2016.

A utilização das paredes não serve unicamente para criar fronteiras, mas também estão agregados vários programas para satisfazer as necessidades espaciais. Além de várias aberturas e transparências que fazer o espectador tem uma total interação com o espaço interno e externo ao mesmo tempo. (ARCHDAILY, 2016).

Figura 03 – Perspectiva interna

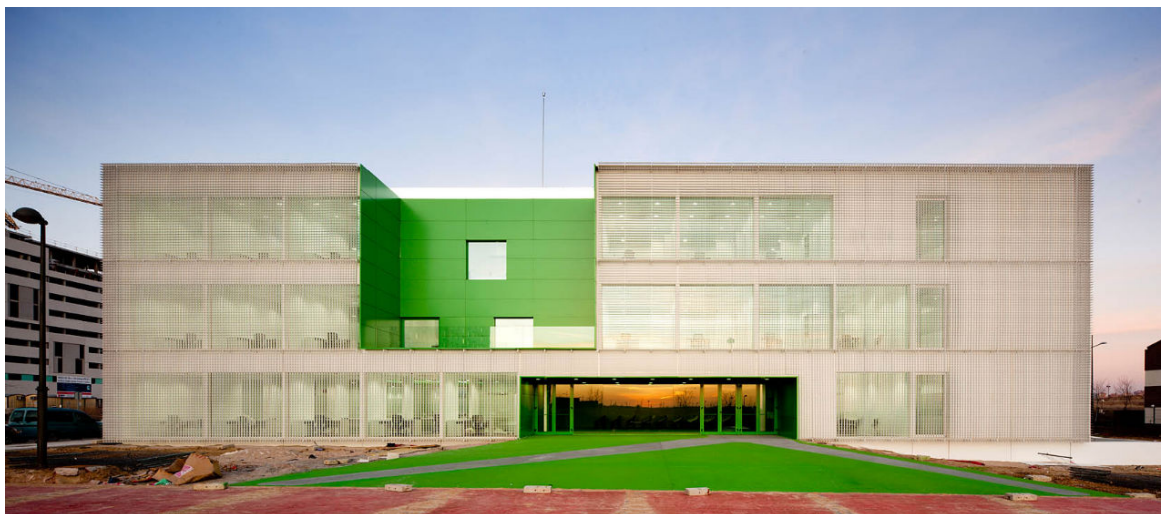


Fonte: ArchDaily, 2016

#### 4.2 CENTRO DE SERVIÇOS SOCIAIS / DOSMASUNO ARQUITECTOS

Projeto está inserido em Móstoles, Espanha. Concebido pelo escritório Dosmasuno Arquitectos. Um dos fatores que colocaram este projeto como referência ao Centro de Integração proposto, é sua materialidade: Metal e vidro, estruturado em concreto. (ARCHDAILY, 2012).

Foto 04 – Fachada principal.



Fonte: ArchDaily, 2012.

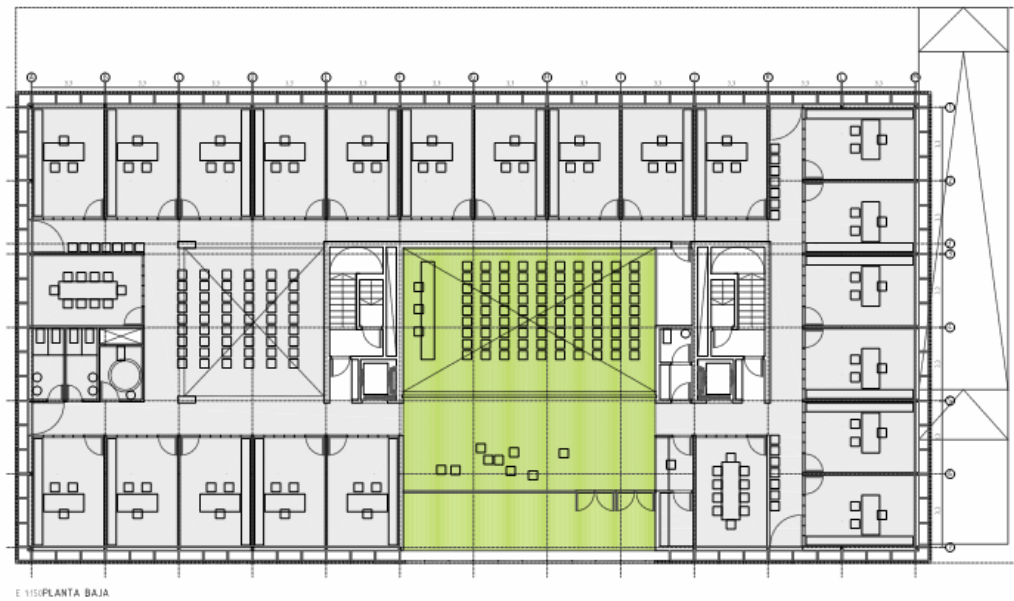
Sua função foi estudada de maneira a otimizar a circulação interna, aproveitando o maior volume possível permitido pela dimensão do lote. Criando diversas operações neste volume proposto, transformando o espaço em algo específico e pessoal para o programa. Dada maior importância a: orientação, otimização e singularidade.

Foi optado por um único volume como acesso principal, que torna-se um tipo de saguão com múltiplos usos. Ajudando a ter maior controle de acesso, melhor aproveitamento e agilidade de atendimento. Direcionando de maneira geral todos os usuários.

A relação entre cheios e vazios tem como característica formal deste projeto, e o uso constante de elementos vazados, também se aplica o conceito de espaços públicos, que de forma geral acaba por gerar uma afetividade maior com o entorno da obra edificada. Destaquei estas diretrizes projetuais que serão aplicadas na concepção formal do Centro de Integração. (ARCHDAILY, 2012).



Foto 05 – Planta baixa.



Fonte: ArchDaily, 2012.

Foto 06 – Perspectiva núcleo central de acesso.



Fonte: ArchDaily, 2012.

#### 4.3 PIXEL CROSSING: UM TÚNEL SENSORIAL

Como proposta para o Centro de Integração, será aplicado o despertar dos sentidos sensoriais através da arquitetura aplicada. Uma referência a esta aplicação é o projeto do túnel Pixel, localizado em Paris na França, idealizado e executado pelo Miguel Chevalier em conjunto com o músico Michel Redolfi.

Foi utilizado de uma composição de LEDs que receberam o nome de Pixel Crossing. Estas iluminações multicoloridas oscilam e se movimentam de acordo com o ritmo das composições de Michel Redolfi. O resultado é a criação de uma atmosfera que traz à tona uma experiência sensorial aos transeuntes. A utilização de luzes de policarbonato destaca e define o lugar, criando um espaço cinético.

Este é um exemplo de como a arquitetura, auxiliada ou não com outros meios de expressão, como por exemplo utilizada nesta obra juntamente com as composições musicais. Juntas ou separadamente ambas têm a capacidade de gerar sentimentos e sensações os usuários. (ARCHDAILY, 2013).

Foto 07 – Perspectiva interna.



Fonte: ArchDaily, 2013.

Foto 08 – Perspectiva interna.



Fonte: ArchDaily, 2013.

#### 4.4 EXPOSIÇÃO ROYAL ACADEMY DE LONDRES

Royal Academy de Londres inaugurou uma encantadora exposição no ano de 2014, que recebeu o nome de Sensing Space: Architecture Reimagined. Que conta com inúmeras e grandes instalações que foram elaboradas por diversos arquitetos, entre eles, Eduardo Souto de Moura e Kango Kuma. Esta exposição conta com uma atmosfera que acaba por encorajar visitantes e faz que se tornem parte da experiência sensorial da arquitetura. (ARCHDAILY, 2013).

Foto 09, 10 – Perspectivas internas.

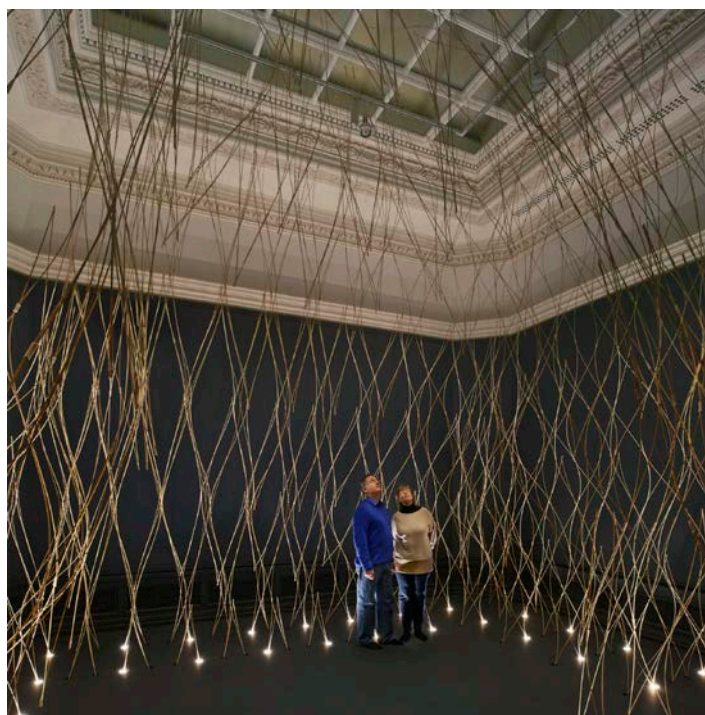


Fonte: ArchDaily, 2013



Se pararmos para analisar, a arquitetura representa o pano de fundo de nossas vidas. Não pensamos muito nisso, mas ela deve ser prática e funcional. Mas isso seria o mínimo, a arquitetura pode fazer algo a mais. A arquitetura de várias formas e conceitos a serem aplicados, portanto com esta abrangência, é sim possível ela ir além do funcional e formal, penetrar no íntimo do usuário, causando um impacto de maneira sensitiva. (ARCHDAILY, 2013).

Fotos 11, 12 – Perspectivas internas.



Fontes: ArchDaily, 2013.

## 5. DIRETRIZES PROJETUAIS

Foram apresentados os correlatos e obras de referência, embasados teoricamente a partir da análise feita dos aspectos apresentados em cada obra. Bem como as soluções que serão implantadas na realização do Centro de Integração. Neste capítulo serão apresentadas as devidas diretrizes a fim de serem utilizadas no Centro de Integração para pessoas com vulnerabilidade social, citando as características do terreno, programa de necessidades e descrevendo, as soluções até então escolhidas, para direcionar a elaboração do mesmo.



## 5.1 A CIDADE DE CASCAVEL

A cidade escolhida para receber o Centro de Integração, foi Cascavel, no Paraná. Sendo reconhecida no estado, como a Capital do Oeste do Paraná. Polo econômico, e um dos maiores municípios do Estado.

Foto 13 – Localização de Cascavel no Mapa



Fonte: Google.

Cascavel conta com mais de 300mil habitantes, uma cidade considerada jovem e promissora. A cidade é polo acadêmico, onde atrai cada vez mais jovens, por conta de uma ampla opção de centros de formação. Também se destaca como referência na medicina, e na prestação de serviços voltados a saúde. Bem como no agronegócio, sendo cada vez mais consolidado vindo num crescimento contínuo, e ganhando destaque nacional e internacional através do Show Rural. (PORTAL DO MUNICÍPIO DE CASCAVEL, 2017).

Todos estes fatores, acabam por gerar interesses há quem está em busca de uma melhor qualidade de vida, ou uma melhor oportunidade de emprego. Foi o que ocorreu recentemente ao município de Cascavel, onde uma imigração em massa de haitianos e senegaleses em busca de um novo recomeço.



### 5.3 CONCEITUAÇÃO E PARTIDO

A partir do embasamento teórico, e análise dos correlatos e obras de referência apresentados no decorrer desta monografia, é possível definir as linhas projetuais que deverão ser seguidas para a elaboração do Centro de Integração.

A princípio veio a necessidade deste Centro, onde o estudo sobre a aumento no número de imigrantes comprovou um impacto generalizado ao Brasil como um todo, incluindo o Município de Cascavel, no Paraná.

O início da integração está ligado desde a escolha do partido a ser seguido na elaboração do projeto, até o modo de atendimento que será prestado.

O partido arquitetônico desenvolvido para este Centro, será com características modernistas, onde vem a ser aplicados em sua estrutura. Bem como a utilização de concreto armado e uso de pilotis. Podendo se estender a panos de vidro e planta livre. Como estamos falando de integração, mesmo que num sentido específico, será implantado a integração do ambiente interno em relação ao ambiente externo, como foi descrito em obras de referência.

Uma das características marcantes deste conceito, é trazer o despertar dos sentidos sensoriais através da arquitetura, levando-a como um meio de tratar os usuários de maneira indireta. Fazendo que gere um sentido de acolhimento e segurança, no caso de imigrantes, onde as características de sua cultura estarão empregadas a obra, de maneira com que possa sentir, tocar, ouvir. Não exclusivamente de imigrantes, será aplicada de maneira abrangente, para que quaisquer situações de vulnerabilidade social, a arquitetura possa auxiliar o Centro, passando a interagir e auxiliar na recuperação e reinserção destes usuários.

Quando pensamos em inserir algum ambiente construído, é necessário estudar seu entorno, bem como o impacto que esta obra possa trazer. Um estudo prévio mostra que os terrenos estão locados numa travessia de pedestres, que utilizam este espaço como atalho de maneira segura à atravessar a quadra. Portanto cabe ao projeto, manter este espaço público que é de habitual uso, e promover uma melhor experiência de mobilidade. Espaços e praças públicas serão creditadas ao projeto, fazendo de maneira que se insira ao entorno e a cidade. Oferecendo o uso do espaço, além dos serviços prestados, contando ambientes de convivência e lazer.

O paisagismo será trabalhado no terreno por inteiro, sendo de suma importância a complementar o projeto arquitetônico, embelezando o espaço público e a Cidade de Cascavel.

#### 5.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Para que seja possível uma melhor elaboração de projeto, faz por necessário o levantamento do programa de necessidade implantada ao Centro de Integração. Sendo este o programa:

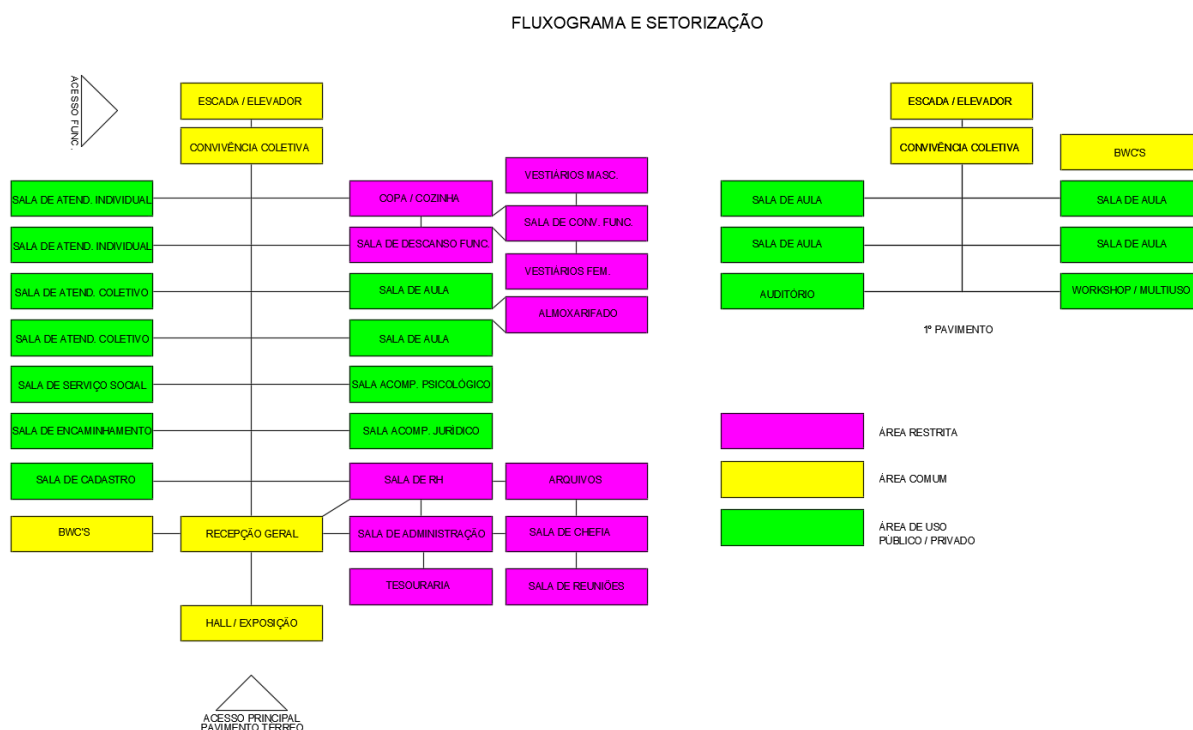
- Recepção coletiva
- Hall / área para exposição / memorial
- Recepções individuais, por setores
- Salas para atendimento coletivo
- Salas para atendimento privado / individual / especializado
- Salas de aula com capacidade para 30 pessoas
- Sala administrativa
- Tesouraria
- Sala RH
- Salas para atendimento e acompanhamento jurídico
- Salas para atendimento e acompanhamento psicológico
- Salas para cadastramento / registro
- Salas multiusos / workshop
- Salas de espera
- Banheiro P.N.E. Masculino
- Banheiro P.N.E. Feminino
- Depósito
- Almoxarifado
- Elevador social
- Elevador de serviço
- Escadas
- Sala de chefia
- Sala de reuniões
- Sala de serviço social
- Sala de arquivo
- Sala de agendamentos / encaminhamentos

- Copa / cozinha
- Sala de convivência funcionários
- Sala de descanso funcionários
- Lavabos
- Vestiários masculinos
- Vestiários femininos
- BWC masculino
- BWC feminino
- Estacionamento.

## 5.5 FLUXOGRAMA E SETORIZAÇÃO

Será elaborado um sistema de fluxos seguindo a orientação ordenada de cada setor de atendimento. Foi adotado de uma setorização racional.

Foto 15 – Fluxograma e setorização.



Fonte: Acervo pessoal.

## 5.6 VOLUMETRIA

Aqui foi realizado um breve estudo da volumetria que será aplicada ao edifício construído. Podemos notar a inserção de maneira menos agressiva possível, pois, sua forma estará alinhada ao desenho dos edifícios (Prefeitura Municipal, Câmara Municipal) localizados ao entorno.

Foto 16 – Estudo de implantação e situação.



Fonte: Acervo pessoal.

Foto 17 – Melhores vias de acesso



Fonte: Acervo pessoal.



Foto 18 – Volumetria implantada.

#### ESTUDO DA VOLUMETRIA IMPLANTADA



Fonte: Acervo pessoal.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa teve como objetivo, onde foi abordado e que podemos nesta etapa do estudo colocarmos como conclusão: A validação da real necessidade de um Centro de Integração para a cidade de Cascavel/PR. Por uma grande demanda de pessoas em quadro de vulnerabilidade social. Também foi avaliado a melhor forma de trazer este Centro, para que possa ter um valor agregado ao meio que for instalado. Concluindo que a melhor maneira será através de uma arquitetura aplicada ao edifício construído, podendo trazer as emoções humanas e os sentimentos. Acolhendo e gerando uma forte identificação entre os usuários e a forma. Foram analisados e descritos os meios e as formas para que seja possível a construção de uma arquitetura sensorial. Que posteriormente será aplicada num projeto arquitetônico, juntamente com características modernistas.



## REFERÊNCIAS

ARHEIM, R. **Arte & Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora**. Pioneira Thomson Learnig, 2005.

BENEVOLO, L. **História da Arquitetura Moderna**. 3.ed. São Paulo. Editora Perspectiva.

BRITO, Fernanda. "**Centro de Serviços Sociais / dosmasuno arquitectos**" 20 Abr 2012. ArchDaily Brasil. Acesso em: 24 Out 2017. <https://www.archdaily.com.br/44271/centro-de-servicos-sociais-dosmasuno-arquitectos>

CHING, F. D. K. **Arquitetura – forma, espaço e ordem**. 2.Ed. São Paulo. Martins Fontes, 1998.

COLIN, Silvio. "**Uma Introdução a Arquitetura**". 3.ed. Rio de Janeiro: Uapê, 2000.

CORAZZA, M. **População haitiana na região se aproxima de três mil**. Jornal Gazeta do Paraná, Curitiba, PR, 06 de jan. de 2016. Disponível em: [www.cgn.com.br](http://www.cgn.com.br) Acesso em: 14 jan. 2016.

CORBUSIER, L. **Por uma arquitetura**. 6. Ed. Perspectiva, 2002.

DEL RIO, Vicente.; **Introdução ao Desenho Urbano: no Processo de Planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GONZALES, S. F. N.; HOLANA, F.; KOHLSDORF, M. E.; FARRET, R. L. **O espaço da cidade: Contribuição á análise urbana**. Editora Associada Ltda. São Paulo, 1985.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre, Bookma, 2011.

Portal do Município de Cascavel. **História do município**. Disponível em: Acesso em: 11 de outubro de 2017.

Portal Geoportal Cascavel. Disponível em: Acesso em: 12 de outubro de 2017.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura Vivenciada**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

**"Sete arquitetos transformam a Royal Academy de Londres em uma experiência multi-sensorial" [Seven Architects Transform London's RA into Multi-Sensory Experience]** 20 Fev 2014. ArchDaily Brasil. Acesso em: 24 Out 2017. <https://www.archdaily.com.br/178490/sete-arquitetos-transformam-a-royal-academy-de-londres-em-uma-experiencia-multi-sensorial>

**"Centro de Acolhimento / CYS.ASDO" [Chupei Reception Center / CYS.ASDO]** 07 Mar 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Delaqua, Victor) Acesso em: 24 Out 2017. <https://www.archdaily.com.br/br/783328/centro-de-acolhimento-cysdo>

YÁVAR, Javiera. **"Pixel Crossing: um túnel sensorial por Miguel Chevalier" [Pixel Corssing: tunel sensorial por Miguel Chevalier]** 13 Nov 2013. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo) Acesso em: 24 Out 2017. <https://www.archdaily.com.br/152275/pixel-crossing-um-tunel-sensorial-por-miguel-chevalier>